RESENHA

VIANA, Silvia. **Rituais de sofrimento**. São Paulo: Boitempo, 2013, 192p.

O Reality Show como simulacro da reificação humana

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Talvez os programas televisivos de *Reality Show* sejam os que granjeiam maior apelo popular na consciência telespectadora da contemporaneidade e que mais causem impacto no imaginário social. Certamente o infame Big Brother Brasil transmitido pela Rede Globo de Televisão representa o modelo mais acabado desse tipo de programa, caracterizando-se como uma aviltante paródia de *1984* de George Orwell e a distopia do controle social de uma ordem política totalitária; entretanto, *Casa dos Artistas*, *O Aprendiz* e outros programas afins também se agregam ao refugo midiático do Reality Show. Nessas condições, o livro *Rituais de sofrimento*, de Silvia Viana, é um grande marco para uma análise crítica ampla e sistemática dos *Reality Shows* que adquirem tamanha devoção dos consumidores de imagens da cultura pós-moderna.

Ao invés de se deter na desmontagem semiótica de apenas um desses programas, Silvia Viana realiza com perspicácia uma conexão entre os inúmeros *Reality Shows* que imperam hegemonicamente nos horários sagrados da televisão brasileira. Afinal, apesar de existir algumas diferenças estilísticas entre cada um desses programas, de um modo geral todos eles apresentam, conforme a argumentação da autora, uma grotesca convergência: a afirmação da crueldade. Como é possível que pessoas comuns não apenas tolerem um sofrimento extraordinário, ainda que em vão, como se engajam em sua reprodução? Comprova-se assim que a era tecnológico-tecnocrática se enraíza fielmente aos preceitos da servidão voluntária.

O *Reality Show* se caracteriza ideologicamente como a culminação da exploração da vida humana pelo mecanismo capitalista onde este, após em um primeiro momento de sua trajetória predatória se pautar pelo domínio técnico sobre a corporeidade do trabalhador, reconfigura-se na pós-modernidade através dos seus tentáculos midiáticos. Nessas condições, o *Reality Show* nada mais é do que um espelho da estrutura social capitalista. Assim como ocorre nas relações corporativas a degradação da dignidade humana em favor da ascensão financeira da empresa, no *Reality Show* os participantes são tratados como mercadorias descartáveis que somente encontram valor de uso na medida em que são convenientemente explorados pela voracidade dos mestres do entretenimento social. Por conseguinte, ao invés do *Reality Show* possibilitar uma espécie de sublimação das experiências degradantes do cotidiano

laboral, na verdade o amplifica. O *Reality Show* se fundamenta como a encenação consentida da crueldade, permitindo o afloramento dos sentimentos mais primitivos dos espectadores, consumidores insaciáveis de imagens. O *Reality Show* é uma autêntica guerra de todos contra todos, perfazendo com fidelidade o projeto capitalista de exclusão violenta de todos os indivíduos que são se encaixam plenamente aos seus ditames tirânicos. Os excluídos do *Reality Show* são os incapazes de reconfigurarem suas disposições existenciais em instrumentos mercadológicos aprazíveis para o consumo social, assim como os trabalhadores que não conseguem adquirir a "virtude" da flexibilidade profissional são ejetados das suas empresas pelos detentores dos meios de produção, psicopatas travestidos de empresários sofisticados.

Submetidos a situações de estresse, exaustão orgânica, assédio moral, dentre outros casos aviltantes, os participantes expressam em seus corpos visíveis as marcas deletérias do projeto capitalista em sua violência inquestionável. Ao invés de se constituir como um exercício ascético de elevação moral do ser humano na sua trajetória existencial, o Reality Show apenas cria uma maceração humilhante da vida humana sem qualquer possibilidade de transcendência. Desse modo, ainda que elementos próprios da simbologia cristã sejam utilizados em sua configuração dramática, tais como a onisciência das câmeras, o confessionário e a luta pela apoteose, tais elementos são em verdade caricaturados pela produção midiática do *Reality Show*, profanando assim a sacralidade desses elementos.

O discurso ideológico subjacente ao tipo midiático do *Reality Show* pretende fazer dele uma espécie de representação da "vida como ela é", um recorte da dinâmica social transplantada para um local de confinamento, no qual indivíduos despersonalizados agem como atores diante do grande teatro televisivo do mundo pós-moderno. De certa maneira, esses indivíduos representam publicamente no *Reality Show* os caracteres da vida concreta, mas em sua expressão mais grosseira, pois o caráter competitivo dessa grande gincana voyeurística faz com que cada participante faça todo tipo de maquinação para obter a sonhada vitória, isto é, o prêmio financeiro tão almejado destinado ao ganhador da disputa pela coroa da mediocridade, realizando assim os seus projetos materialistas de arrivismo social no capitalismo tardio.

A estrutura midiática do *Reality Show* suprime qualquer autonomia e espontaneidade dos seus participantes, tornando-os títeres dos editores do programa, que sabem manobrá-los conforme suas escusas conveniências comerciais; da mesma maneira o público espectador-consumidor é iludido nesse processo, acreditando que sua participação em votações é respeitada pelos editores, quando em verdade surgem indícios de que estes escolhem, conforme sua conveniência, os rumos dramáticos que o programa seguirá. O espetáculo da realidade se estrutura como uma seleção desprovida de critérios precisos, evidenciando-se tal modo a incontestável arbitrariedade tirânica dos controladores midiáticos, os quais, em uma megalomania desenfreada, atuam como deuses caprichosos a ditar os destinos dos participantes, sofredores em busca da redenção; esta somente é conquistada a duras penas, fato que, em termos midiáticos, se converte na submissão absoluta do participante aos caprichos cruéis dos organizadores do *Reality*

Show, ampliando assim a audiência do mesmo, pois *Reality Show* sem exaltação da miséria do candidato é sinal de fracasso.

Qual o preço a ser pago pela obtenção da fugidia ascensão social pelo sucesso midiático? A coisificação do homem, que se submete a situações moralmente degradantes para conquistar o ansiado sucesso publicitário, e assim "sobreviver" no percurso desse programa. Há que se ressaltar, no entanto, que não é uma vida árdua a que se segue no período de confinamento voluntário dentro da grande casa vigiada pelas câmeras, pois o fomento do programa fornece o conforto material para que as "estrelas" da pós-modernidade da sociedade imagética possam revelar as suas "qualidades" mais profundas.

O *Reality Show*, culminação do sistema espetacular, se constitui como uma relação fetichista entre os indivíduos, que vivem assim mediados por imagens. Nessas condições, o culto das aparências se torna a regra, subvertendo-se assim os paradigmas modernos da subjetividade tal como postulada pela filosofia cartesiana. A imagem adquire prevalência sobre toda interioridade e esta é assim recalcada na consciência embrutecida da visibilidade hipertrofiada. A proliferação do programa no formato *Reality Show* enuncia a conversão da vida humana em carne pronta para a exibição, subtraindo-se toda a subjetividade do indivíduo no processo de aparição midiática. A vida à disposição da produção de entretenimento a que se assiste em *Reality Shows* é um indício preciso de que vivemos em um estado de exceção permanente, do qual a única certeza que desponta é a iminência da degradação existencial em um regime sócio-político-econômico que prospera através da alienação da consciência humana. Por conseguinte, *Rituais de sofrimento*, de Silvia Viana, é um documento imprescindível para a decifração da ideologia espetacular do gênero televisivo *Reality Show* e sua inerente tônica de crueldade a macerar a vida humana em toda a sua extensão. O Reality Show não é uma tragédia, mas uma barbárie, fruto incestuoso da civilização técnica incapaz de obter autorrealização existencial em sua organização societária.

Recebido em 2013-02-13
Publicado em 2013-03-11

* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA.